

Maria de Lurdes Pintasilgo é uma oportunidade perdida pelos católicos portugueses.

Não que esta mulher, que é católica, seja chefe de um governo católico. Não o permitiria a Constituição, não o permite o compromisso que assumiu. Nem que esta mulher, enquanto governante, dispusesse largamente de poder e de tempo. Mas porque, ainda assim, nunca como com esta mulher lúcida e corajosa os católicos portugueses tiveram a oportunidade de se identificar, e de apoiar, uma abordagem tão ao mesmo tempo discreta e vivamente cristã do poder, uma sensibilidade e uma prática governativas tão sintonizadas com a Igreja moderna, renovada e em renovação. Nunca como com esta mulher o catolicismo assumiu, neste país, este dever de si e do mundo. Nunca como com esta mulher o catolicismo esteve prestes a tocar, neste país, a imaginação da coragem.

Dir-se-ia que a opinião católica só podia aproveitar este rosto franco, este discurso político tremendamente novo, explosivamente humano na sua simplicidade, este discurso moral e cultural, este respeito pela inteligência dos outros, este discurso político desprendido do provincianismo, do paroquianismo, aberto ao mundo, competentemente, profissionalmente, aberto ao mundo.

Dir-se-ia que este discurso, que parece vir de outro planeta mas que vem apenas de uma forma humana de ser governante, de uma recusa de converter o poder numa profissão de uma forma mais alargada e moderna de ser cidadão do mundo, sendo-se cristã, só podia desencadear um diálogo renovador entre os católicos e o seu país, entre os católicos e a sua Igreja, entre o país e a parte que tem de consciência ou, pelo menos, de sensibilidade cristã.

E, no entanto, sectores destacados da opinião católica portuguesa voltaram as costas a esta mulher, ao governo desta mulher. Sob a alegação, tantas vezes por esta mesma Igreja torçada no passado, tantas vezes por ela sofismada, de que a Igreja e o poder político não se encontram.

Reconhecem nesta mulher, não o adversário oficial, exterior, visível, mas o adversário que vem de dentro. É a fecundidade da subversão cristã. Não já no exemplo dramático e distante de um bispo sul-americano. Não já na voz jovem deste ou daquele sacerdote. Mas na audácia, no escândalo, de um cristianismo renovado e renovador exercendo, inesperadamente, sem a sua autorização, hoje e aqui, o poder político, por limitado que seja esse poder político.

Com eles, Cristo será poder, sim, mas sob outro rosto. Não o rosto exigente e dramático do Cristo vivo, mas o rosto lúcido do sacristão político, do notário de Deus, do administrativista

da Fé. Será a velha e tão comprometida, tão desacreditada, tentativa de adjectivar de cristão um partido político, um poder, um *establishment*. De burocratizar Deus. De profissionalizar administrativamente Cristo. De conservar, sob o seu manto, uma classe inconsciente.

Sabe-se o que é a democracia-cristã italiana, e sabe-se quanto a Igreja ela própria já hoje se demarca desse compromisso absurdo e incómodo, dessa cumplicidade. Desse Cristo comendador, notável, onorevole, desse Cristo condecorado, que faz Fiats e cinema.

Que interessa que, em Portugal, os Andreotti, os Fanfani, tenham 40 anos? É óbvio que eles são, como em Itália, funcionários da sua classe. E que, tendo o interesse europeu da classe, desenvolvimentista e aparentemente desinibido, têm na verdade medo do mundo. São os provincianos da Europa. São os egoístas da riqueza, os murados da NATO. A Europa não é para eles uma pátria, nem humana nem cultural, é uma classe social. Um fortim. É por isso que eles a contrapõem ao mundo. É por isso que eles temem o diálogo Norte-Sul. É por isso que eles temem a ideia própria da solidariedade com os países não-alinhados. É por isso que eles temem a dialéctica desse diálogo, a interacção explosiva desse diálogo, os riscos do humanismo cristão. O mundo é, para eles, o cerco dos pobres. Uma ameaça directa ao conforto desse retrato de classe que são as democracias do tipo ocidental.

Que têm eles a ver com a coragem católica de ser mundo, com o universalismo cristão, com a obrigação dos fracos, dos subdesenvolvidos, dos oprimidos? Com a coragem portuguesa de, sendo naturalmente europeus, o sermos sem o egoísmo europeu? Com a coragem portuguesa de sermos outra vez mundo? E de reconhecermos que é no mundo que se travam as nossas próprias batalhas?

É por isso que esses sectores não se reconhecem nesta mulher. E não apenas não se reconhecem na exigência e na dimensão do seu projecto, na sua transparência, na sua boa-fé, na angústia da sua generosidade encerrada nos limites deste governo. Vão mais longe. Hostilizam-na. Cobrem-na de suspeitas, de calúnias, de opróbio. Alinham com os seus adversários, acreditam nas insinuações desses adversários, riem com as suas caricaturas. São eles próprios os adversários mais directos desta mulher.

Temem-na. Não imediatamente a ela, que não lhes quer roubar o lugar político, a profissão política, como eles o ocupam, e a desempenham. Mas aquilo que ela representa, ao impacto inevitável de renovação e ao choque de qualidade e de profissionalismo que essa renovação já traz. Ao sopro que vem já das grandes

organizações internacionais, que se estrutura, se pragmatiza, se viabiliza. Ao sopro que vem da própria Igreja. A tudo aquilo de que esta mulher é, inquietantemente, vanguarda.

É importante verificar que forças se lançam contra o que esta mulher representa e com que linguagem o fazem e que processos usam. É importante verificar que *essas forças são aquelas que reclamam o voto cristão, que se reclamam oficialmente de Cristo*. O ataque que fazem a esta mulher, as motivações que esse ataque encerra, as formas que reveste, os excessos a que chega, têm pelo menos, no imediato, uma vantagem. São uma sinalização moral e, se quiserem, eleitoral, para os homens e mulheres de boa-vontade em geral e para os cristãos em especial.

Tudo isto que significa? Significa, em primeiro lugar, que é a classe quem mais ordena. Que nesses sectores destacados da opinião católica portuguesa é a classe quem mais ordena. Que Cristo vem depois. E que se acatele.

Significa, em segundo lugar, que o catolicismo não é solidariedade que baste, que os católicos são uma nação dividida, que a linha de combate passa pelo meio do povo cristão. Que não há um voto cristão oficial, que não pode haver um voto cristão oficial. Que esse adjectivo, em política, é um abuso.

Significa, em terceiro lugar, que a Igreja moderna ainda não chegou a Portugal. Ou custa a chegar.

Cristo contra Cristo? Ou simplesmente o passado contra o futuro?

Maria de Lurdes Pintasilgo, será, talvez, uma oportunidade perdida, voluntariamente perdida, cuidadosamente perdida, por esses sectores católicos portugueses.

Mas não o é, nem para os católicos que lutam por uma presença de Cristo na Terra, por uma Igreja moderna e viva, e são muitos neste país, nem para todos aqueles que, não sendo, como nós não somos, nem católicos, nem cristãos, nem sequer religiosos, lutamos por muitas das coisas pelas quais luta esse Cristo vivo, essa Igreja viva.

Parece-nos que Cristo só muito dificilmente se poderá reconhecer em alguns cristãos, e que talvez se reconheça em muitos agnósticos. Se o cristianismo é um dos nomes da transformação da sociedade e da libertação do homem é um belo nome. Mas há outros nomes.

Esta mulher, que ninguém apoia, que muitos atacam, e que os que não atacam quando muito não desapoiam, merece, pela sua qualidade, pela sua dignidade, pela sua alegria cristã, pelo seu optimismo inexoravelmente histórico, pela sua coragem humana, uma homenagem dos desobrigados das disciplinas partidárias.

Esta é  
- Artur Portela -



# Fundação Cuidar o Futuro